

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

EUGÊNIA, A “VÊNUS MANCA”, EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*: A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL NO SÉCULO XIX

ELOISA HOLANDA DE OLIVEIRA¹, LUIZA GERON², SANDRA CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA³, THAMIRES DE SOUZA NASCIMENTO⁴, EUFRIDA PEREIRA DA SILVA⁵

¹ Graduando em Licenciatura em Letras Português/Inglês, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFSP Campus São Paulo Pirituba, eloisa.holanda@aluno.ifsp.edu.br

² Graduando em Licenciatura em Letras Português/Inglês, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFSP Campus São Paulo Pirituba, luiza.geron@aluno.ifsp.edu.br

³ Graduando em Licenciatura em Letras Português/Inglês, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFSP Campus São Paulo Pirituba, santos.sandra@aluno.ifsp.edu.br

⁴ Graduando em Licenciatura em Letras Português/Inglês, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFSP Campus São Paulo Pirituba, thamires.n@aluno.ifsp.edu.br

⁵ Professora Dra., EBT, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFSP Campus São Paulo Pirituba, fridadasilva@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.07.00-6 Letras, Literatura Brasileira

RESUMO: Este artigo propõe analisar a personagem Eugênia na perspectiva de pessoa com deficiência na sociedade brasileira no século XIX, segundo o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em livro em 1881. Para isso, adotamos os estudos teóricos de Piccolo (2023) e Lage (2022) no campo da pessoa com deficiência; “freak shows” com Chemers (2023); e a fortuna crítica machadiana, segundo Bosi (2006), Schwarz (2000), Sanchez (2018), Sousa (2009), dentre outros. Por meio deste trabalho foi possível perceber a tripla exclusão — de gênero, classe e discriminação contra a pessoa com deficiência, capacitismo. Eugênia, rejeitada como pretendente ao matrimônio, importante meio de inserção social no Brasil do século XIX, a moça termina seus dias num cortiço, onde Brás a encontra, digna, porém “tão coxa como a deixara, e ainda mais triste” (Assis, 2012, p. 262).

PALAVRAS-CHAVE: pessoa com deficiência; coxa de nascença; capacitismo; casamento

EUGÊNIA, THE “LAME VENUS”, IN *THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS*: PEOPLE WITH DISABILITIES IN BRAZIL IN THE 19TH-CENTURY

ABSTRACT: This article proposes to analyze the character Eugênia from the perspective of a person with a disability in 19th-century Brazilian society, according to the novel *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* by Machado de Assis, published in book in form 1881. To this end, we adopted the theoretical studies of Piccolo (2023) and Lage (2022) in the field of people with disabilities; “freak shows” with Chemers (2023); and Machado de Assis’s critical approach, according to Bosi (2006), Schwarz (2000), Sanchez (2018), Sousa (2009), among others. Through this work, it was possible to perceive the triple exclusion - of gender, class, and discrimination against people with disabilities, ableism. Having been rejected for marriage, an important means of social integration in 19th-century Brazil, Eugênia ended her days in a tenement, where Brás finds her dignified, but “as lame as he had left her, and even sadder” (Assis, 2012, p. 262).

KEYWORDS: people with disabilities; lame-born; ableism; marriage

INTRODUÇÃO

Eugênia, “sangue sem origem”, “Vênus manca”, “aleijadinha” ou “flor da moita” são algumas das denominações proferidas por Brás Cubas em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que bem

indicam o rebaixamento dado à personagem, seja pela sua classe, seja pela sua deficiência. Eugênia é uma jovem bonita, filha de Dona Eusébia, uma conhecida da família Cubas. A primeira aparição da moça se dá de forma tímida: “uma mocinha morena, que se deteve à porta” (Assis, 2012, p. 83). Ao vê-la, Brás se encanta imediatamente, porém, ao saber que a moça era “coxa de nascença” (Assis, 2012, p. 89), o pretensu noivo logo se recusa à continuidade do relacionamento. Esta reação do protagonista reflete algumas questões que merecem ser discutidas. Dentre elas, destacamos o patriarcalismo, a condição de classe, a aristocracia à qual Brás pertencia e, acima disso, o capacitismo, uma vez que “a ideia de ver sua noiva entrando na igreja mancando não agradou Brás” (Sousa, Martins e Pontes, 2009, p. 43). Relevante discussão apontada no romance, o capacitismo pode ser conceituado como “forma de opressão que define o indivíduo pela crença de que pessoas com deficiências são incapazes [...], uma vez que possuem corpos ou mentes fora do padrão aceito como normal” (Lage, Lunardelli e Kawakami, 2023). Eugênia, em *Memórias*, é uma jovem com deficiência física, fruto de um relacionamento extraconjugal, e sua mãe, Dona Eusébia, busca no casamento uma maneira para que a filha não termine os seus dias pedindo esmolas num cortiço. Educada nas imediações do mundo abastado, Eugênia não é propriamente pobre.

No entanto, a sua condição numa sociedade escravocrata regida por relações de trabalho gratuito, tornava-a vulnerável. O mercado de trabalho para o homem livre era incipiente e segundo Schwarz (2000), que discute a sorte das pessoas livres no Brasil oitocentista, o acesso aos bens da civilização dependia do reconhecimento humilhante de algum proprietário, um “capricho da classe dominante”. É nesse contexto que Eugênia se torna dependente da “simpatia de um moço ou de uma família de posses” para que a fizesse “senhora” através do casamento (p.87). Sem prerrogativa de classe privilegiada, no limbo entre se tornar pedinte ou senhora, Eugênia também sofre com o capacitismo através do preconceito e espetacularização do corpo. “Sem sangue de origem” e pessoa com deficiência, a jovem foi tomada como um “freak show” por Brás. Alvo de bufonaria e de estranheza enigmática nas palavras de um narrador blindado pelo além, o fato é que a jovem termina seus dias num cubículo de cortiço. Procuramos, neste artigo, analisar a personagem segundo a tripla exclusão — de gênero, classe e discriminação contra a pessoa com deficiência, capacitismo.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tem como objeto de estudo o romance machadiano, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em livro em 1881. Interessa ao estudo, o recorte em torno da personagem Eugênia, jocosamente referida como “coxa de nascença” no romance. Tendo em vista a importância do tema, o estudo buscou ampliar o debate sobre a questão da pessoa com deficiência no Brasil oitocentista, segundo a tripla exclusão — de gênero, classe e discriminação contra a pessoa com deficiência, capacitismo. Como procedimento metodológico, foi feito o levantamento do material, que se concentrou na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como objeto de análise. A partir do objeto, foi feito o recorte segundo estudo dos capítulos: XXX “a flor da moita”; XXXI “a borboleta preta”; XXXII “coxa de nascença”; XXXIII “bem-aventurados os que não descem”; XXXIV “a uma sensível”; XXXV “o caminho de damasco” e CLVIII “dois encontros”. A seleção destes capítulos não foi feita de forma aleatória. Ao contrário, a seleção na ordem dos capítulos buscou traçar o amplo espectro da construção da personagem, envolvendo a sequência narrativa: apresentação, desenvolvimento e desfecho. Primeiramente adotou-se uma revisão bibliográfica que teve como objetivo conhecer as contribuições científicas em torno da obra, especificamente, sobre a personagem Eugênia. Nesta parte, buscamos como arcabouço teórico, os trabalhos de Bosi (2006), Schwarz (2000), Sanchez (2018), Sousa (2009), dentre outros. Por conseguinte, buscou-se estudos conceituais teóricos de Piccolo (2023), Lage (2022) no campo da pessoa com deficiência; entretenimento e espetáculo com os “freak shows” com Chemers (2023). Por último, considerando a bibliografia já construída em torno da obra machadiana e os estudos sobre a pessoa com deficiência no Brasil, foi feita uma análise da referida obra literária com luz sobre a personagem Eugênia, aprofundando a reflexão sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Grécia antiga, a idealização de um corpo forte e belo estava intimamente ligada às lutas e guerras, e uma das preocupações do Estado foi dar assistência e proteção às pessoas que se tornaram deficientes, segundo Pacheco (2007, p. 243). Contudo, esta não era a realidade de crianças que nasciam com deficiência, sendo abandonadas à própria sorte. Segundo Silva (1987, p. 54), a história da deficiência na antiguidade foi marcada por uma "marginalização" de grupos, relacionando suas deficiências físicas ou mentais a espíritos maus ou demônios. Consideradas "impuras" ou "pecadoras", havia o entendimento de que o nascimento sob tais condições seria a forma de remir os pecados. Por isso, era comum que tais pessoas, marginalizadas, tivessem como destino pedir esmolas pelas ruas e praças. Na Baixa Idade Média, Piccolo (2022, p. 79) relata que a condição do deficiente continuou a ser atrelada a espíritos diabólicos, à práticas de maldição e bruxaria. Por vezes, pessoas com deficiências, nanismos, coxos, eram colocadas em exposições públicas para serem bufões, e seus comprometimentos corporais e desproporção evidente eram dignos de atenção e chocarrices.

Com o Cristianismo no período da Alta Idade Média, a visão se modificou e os deficientes passaram a ser vistos como merecedores de cuidado por serem criação e manifestação de Deus. Na passagem da Idade Moderna para a Idade Contemporânea, nota-se um fortalecimento da função da atividade médica no que tange ao tratamento da pessoa com deficiência. Por outro lado, entre os séculos XVII e XIX, houve um aumento do sistema de internações de desvalidos, para além de denúncias crescentes de exposição de pessoas com deficiência em feiras livres, um verdadeiro comércio nos chamados "freak shows" (Piccolo, 2022). Os "freak shows", ou "show de horrores" originados no século XVI na Europa, tornaram-se populares a partir do século XIX. Nos Estados Unidos, estes espetáculos ganharam força com o norte-americano Phineas Taylor Barnum com a inauguração do American Museum, em 1841. Durante este período, "alguns naturalistas passaram a percorrer a Europa e a América do Norte com exemplares de animais exóticos ou incomuns, cobrando ingressos para a visita de seus chamados 'gabinetes de curiosidades'" (Chemers, 2023, tradução nossa). Em paralelo, pessoas cujas características corporais eram consideradas anômalas ou extraordinárias, ou seja, diferentes para os padrões da época, passaram a ser incluídas nessas exposições, sendo frequentemente apresentadas como "aberrações naturais".

Com essas práticas, originou-se diversos formatos de espetáculos públicos que, posteriormente, foram reunidos em shows de excentricidades (Chemers, 2023). Embora no Brasil não tenham ocorrido exposições exatamente nos moldes dos "freak shows" norte-americanos, há registros de que, no contexto circense do século XIX, ocorreram apresentações envolvendo pessoas com condições físicas específicas, como nanismo, gigantismo ou acromegalia. Além disso, há relatos de que, em 1882, indivíduos do grupo étnico Botocudo foram expostos ao público, evidenciando práticas que, embora distintas em forma, também se apoiavam na espetacularização de corpos considerados "anômalos" (Valdívia, 2024). Estes estabelecimentos de "entretenimento", marcavam a objetificação e a desumanização desses indivíduos, vistos como "aberrações da natureza". A naturalização da exposição desses corpos, consolidou a ideia de um imaginário social no qual a deficiência era associada à anormalidade e ao entretenimento em massa (Garland-Thomson, 1997, p. 55, tradução nossa).

O debate em torno das pessoas com deficiência física e seus estudos vão se aprofundar no Brasil a partir do século XX. Neste cenário, a narrativa de Eugênia em *Memórias* ganha força em relação ao conceito de corpo normal — tem-se, aqui, "normal" como "dentro da norma". Na narrativa, a primeira aparição de Eugênia se dá no capítulo XXX, intitulado "A flor da moita" — referência jocosa pelo fato de a personagem ter sido concebida em um relacionamento extraconjugal e nos jardins da casa dos Cubas. Este capítulo narra o primeiro encontro de Brás com a jovem, que foi marcado supersticiosamente pela aparição de uma borboleta preta. No capítulo XXXI, "A borboleta preta", uma segunda borboleta — maior que a primeira — invade o quarto do protagonista enfrentando-o como por um desafio ou escárnio. Devido a insistência do inseto, que lhe pousa na testa, Brás a atinge com uma toalha, que segundos antes de morrer "ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça" (Assis, 2012, p. 87). A cena prossegue com a reflexão de Brás em torno de si mesmo, enfatizando a sua infinita superioridade como o próprio criador da natureza, "o inventor das borboletas".

Del Priore (1999) discute a tradição patriarcal, em que "o chefe da família cuidava dos negócios e tinha absoluta autoridade sobre a mulher, os filhos, os escravos, empregados e agregados" (p. 8). É com esta autoridade patriarcal, imaginando-se com poderes para decidir inclusive sobre o

destino de outrem, que o protagonista caprichoso passa a considerar a questão da cor: “_ Também por que diabo não era ela azul?” (Assis, 2012, p. 87), ou ainda, “creio que para ela era melhor ter nascido azul” (Assis, 2012, p. 88). Para além disso, Brás se coloca no plano do sobrenatural, posição de homem com “ar divino, estatura colossal”, em contraposição à frágil, mas corajosa e impetuosa borboleta. Estas evidências conduzem o tom da narrativa dialogando diretamente com as questões que envolvem Eugênia.

No capítulo XXXII, “coxa de nascença”, Eugênia corajosamente revela a Brás a sua deficiência (Assis, 2012, p. 89). Com esta revelação, o rapaz que inicialmente fazia belos elogios à jovem, agora murmurava ser um “desastrado”. O quebra-cabeça que se montou após tal revelação o desafiava, pois estava agora diante de um terrível enigma em que uma possibilidade fatalmente anularia a outra: “por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” (Assis, 2012, p. 90). Desta feita, Brás relembra os conselhos paternos sobre o legado do nome dos Cubas (não foi à toa que a borboleta pousou no retrato do pai dele). Ousada, a presença de Eugênia/borboleta na vida de Brás se fazia como uma estranha; pois o fato é que o “pai do inventor” o queria para a carreira política. Razão pela qual o protagonista decide aniquilar a borboleta. Sanchez (2018) ao discutir a questão do casamento no romance assinala que Brás poderia até flertar com Eugênia, mas o casamento estaria fora de questão. Desfeito o quebra-cabeça, Brás começa a desprezar e a nomear Eugênia pela sua deficiência, tais como “coxa”, “Vênus manca”, “coxa de Diana”, “aleijadinha” etc.

No guia “Combata o capacitismo” (BRASIL, 2024), “definir a pessoa pela deficiência” e não como ela quer ser tratada é uma forma de capacitismo. Assim, no capítulo XXXIII, intitulado “Bem-aventurados os que não descem”, é significativa a discussão sobre as estruturas sociais excludentes que se fazem por meio de padrões estéticos e de classes sociais. O nome de Eugênia, que, em sua etimologia significa “bem nascida”, ao longo da narrativa, a personagem vai sofrendo comparações de inferioridade, conforme Sanchez (2018); Martins e Rodrigues (2023). O sarcasmo do narrador em nomear Eugênia como “Vênus manca” contrapõe ao arquétipo da beleza perfeita. Acima disso, mesmo reconhecendo as virtudes morais da moça e a sua idealização romântica de estar diante de seu “bem-vindo” esposo, Brás a contempla com olhar de rebaixamento: “os olhos em 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem...” (Assis, 2012, p. 91). Como aponta Bosi (2006), a narrativa evidencia o contraste entre os personagens e denuncia, com sutileza crítica, as estruturas sociais excludentes por meio de padrões estéticos e de classes sociais.

Brás, rico e saudável, topa com Eugênia, filha bastarda de um antigo comensal dos Cubas e coxa de nascença. Junto com a diferença de classe, o estigma no corpo. Eugênia mancava, ao passo que Brás esplendia em juventude, todo garbo e presunção. (BOSI, 2006, p. 10)

A discussão de Bosi (2006) sobre classe e corpo em *Memórias* pode ser analisada no capítulo XXXV, intitulado “O caminho de Damasco”, uma referência à conversão de Saulo a Paulo (BÍBLIA, 1999, Atos 9). No contexto bíblico, o fariseu transforma-se em importante pregador do Cristianismo após o encontro com o próprio Cristo ressuscitado. Todavia, o tom jocoso do narrador-protagonista, em *Memórias*, em relação à referência bíblica se faz pela ironia dos maus pensamentos e atitudes do eterno brejeiro “Brasinho”. É como “Brasinho”, comportamento forjado desde a infância, que o protagonista desfere a sua ignomínia contra a moça “coxa de nascença” e desiste de abraçar o relacionamento. Sanchez (2018) ao discutir a relação deficiência e classe social em *Memórias* discute que os maus sentimentos de Brás em relação à deficiência estão intimamente ligados ao desnível de classe. Interessado em alianças convencionais de consolidação de poder e prestígio; para além da ideia fixa de ter o seu nome projetado para a eternidade, o protagonista também expõe o seu capacitismo. Neste capítulo, é possível observar a tensão entre o seu desejo e as normas sociais: “A piedade, que me desarmava ante a candura da pequena e o terror de vir amar deveras, e desposá-la. Uma mulher Coxa!” (Assis, 2012, p. 93) e “jurei-lhe por todos os santos do Céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito” (Assis, 2012, p. 93).

Em relação às correntes científicas da época, evolucionismo e o darwinismo, eugenia ou “bem nascido”, foi a ciência proposta por Francis Galton (1822-1911). Galton define um direcionamento da evolução humana a partir da seleção de características físicas e não físicas. De acordo com a eugenia, as condições do cotidiano são pré determinadas pela biologia e hereditariedade, sem a possibilidade

de mobilidade social (Moreira, 2025). Tais correntes de pensamentos são bem ilustradas em *Memórias*, com o reencontro entre Brás Cubas e Eugênia “num sobrado miserável, sozinha e muito triste” (Sousa, Martins e Pontes, 2009, p.7). Este final sintetiza de forma emblemática o fracasso da mobilidade social por meio do casamento, uma condição possível de ascensão para as mulheres no século XIX. Apesar de moça prezada e bela, a realidade do corpo distinto e a sua condição de classe inviabilizam a sua integração social. A distância geográfica e social onde a personagem é reencontrada — miserável e isolada num cortiço — funciona como metáfora de sua definitiva exclusão: o casamento, enquanto instituição que assegurava o prestígio e pertencimento, foi-lhe negado por completo. São de Eugênia as palavras decisivas: “- Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo.” (Assis, 2012, p. 93). Mesmo porque, segundo a teoria de Galton, sujeitos considerados degenerados deveriam ter a sua reprodução evitada (Teixeira, 2017).

Assim, desde a sua introdução na narrativa, Eugênia é apresentada sob um olhar depreciativo que combina ironia, julgamento moral e invalidação física. Ela é “duplamente marcada pelo narrador: pelo nome e pelo físico”, o que a insere automaticamente no grupo das “mulheres inviáveis” (Sousa, Martins e Pontes, 2009, p. 6). Sua tristeza profunda não é apenas uma expressão emotiva diante do amor impossível, mas reflete uma amarga realidade que a condena a um destino imutável. Experiência de negação marcada fisicamente no corpo e alma que Eugênia provavelmente arrastou pela vida inteira, e que dona Eusébia, patusca, até tentava esconder. Emblemática é a aparição de Eugênia como noiva “desataviada” diante de Brás, agora com um vestido branco simples, sem enfeites ou broches. Sonho desfeito, o fracasso matrimonial foi o selo para o apagamento existencial da personagem, que “sem origem” de classe, e com o corpo marcado pela diferença, foi “pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa” (Assis, 2012, p. 94). Dessa maneira, a construção de Eugênia em *Memórias*, representa uma crítica à estrutura social da época e permite uma reflexão acerca da mulher pobre e deficiente no Brasil oitocentista.

CONCLUSÕES

Demonstramos, ao longo desta exposição, a invalidação estética e social centralizada na personagem Eugênia na forma da tripla exclusão — de gênero, classe e discriminação contra a pessoa com deficiência, capacitismo. Fracassada na oportunidade de casamento, condição importantíssima de inserção social no Brasil do século XIX, sem posses e “manca”, Eugênia termina os seus dias num cortiço. Concluímos que as questões levantadas sobre a pessoa com deficiência na obra machadiana, comprovam a relevância do debate como importante reflexão na sociedade contemporânea.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

E.H.O, L.G, S.C.S e T.S.N contribuíram com a curadoria, procederam com metodologia, análise dos dados e redação do trabalho. E.P.S. Professora orientadora, também atuou na redação, curadoria, metodologia, análise de dados e revisão. Todos os autores do trabalho aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi concebido a partir da disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do Curso de Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Pirituba, ministrada pela professora orientadora. Agradecemos especialmente à amiga Alessandra Colla Soletti Tussi, presente desde o início, sempre oferecendo apoio e incentivo. O trabalho não contou com financiamento de nenhuma agência de fomento.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
BOSI, Alfredo. **Brás Cubas em três versões: estudos machadianos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Combata o Capacitismo**. Brasília, DF: S.n., 2024. 16 p. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/Guia_Capacitismo_03_11_23.pdf/view. Acesso em 22 jul. de 2025.

CHEMERS, Michael M. "Freak show". **Encyclopedia Britannica**, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/freak-show>. Acesso em: 15 jul. 2025.

DEL PRIORE, Mary. **A família no Brasil colonial**. São Paulo: Moderna, 1999.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary bodies: figuring physical disability in American culture and literature**. New York: Columbia University Press, 1997.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; ALVARES LUNARDELLI, Rosane Suely; TISSA KAWAKAMI, Tatiana. O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 28, p. 1–20, 2023. DOI: 10.5007/1518-2924.2023.e93040. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/93040>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARTINS, Edson Ferreira; RODRIGUES, Flávia Lacerda. **Da Afrodite grega à Vênus manca: ecos gregos na construção da personagem Eugênia nas Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Orientador: Édson Ferreira Martins. 2023. 17 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023. Disponível em: <https://letras.ufv.br/wp-content/uploads/2023/05/TCC-Flavia-Ladeira-Rodrigues-ARTIGO.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MOREIRA, Alexandre Alves de Sousa. Uma breve história das pessoas com deficiência no Brasil. **Arquivo do Senado Federal**, Brasília, jul. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/arquivo/destaques/uma-breve-historia-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 242–248, 2007. DOI: 10.11606/issn.2317-0190.v14i4a102875. Disponível em: <https://revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102875..> Acesso em: 15 jul. 2025.

PICCOLO, Gustavo Martins. **O lugar da pessoa com deficiência na história: uma narrativa ao avesso da lógica ordinária**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

SANCHEZ, Kathryn. "Coxa de nascença": Misconceptions, normalcy and the aesthetics of difference in *Memórias póstumas de Brás Cubas* by Machado de Assis. **Machado de Assis em Linha**, v. 11, n. 25, p. 112–130, dez. 2018.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. Machado de Assis. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SILVA, Otto Marques. **A Epopéia Ignorada: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: Cedas, 1987.

SÓUSA, Cícera Araújo de; MARTINS, Fabiana Alexandre; PONTES, Carlos Gildemar. As mulheres inviáveis nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. **Encontros de Vista**, Recife, v. 4, n. 2, p. 34-43, jul./dez. 2009.

TEIXEIRA, Izabel Mello; SILVA, Edson Pereira. Eugenia e Ensino de Genética: Do que se trata? **Revista Ciências & Ideias** ISSN: 2176-1477, [S.I.], v.8, n.1, 2017, p.63. DOI: 10.22407/2176-1477.2017v8i1.551. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/view/551/2267>. Acesso em: 17 jul. 2025.

VALDÍVIA, Márcia. Imagens, preconceitos, rótulos e exclusões: o circo de horrores. **Conexão Entrevista**, São Paulo, mar. 2024. Disponível em: <https://conexaointervista.com.br/imagens-preconceitos-rotulos-e-exclusoes-o-circo-de-horrores/>. Acesso em: 15 jul. 2025.